

# Mulheres em Rede Fortalecendo a Agroecologia e Igualdade de Gênero no Sertão do São Francisco



**Autora: MÁRCIA MARIA PEREIRA MUNIZ**

Orientador: Prof. Dr. Helder Ribeiro Freitas

**2023**

## FICHA TÉCNICA

Mulheres em Rede Fortalecendo a Agroecologia e Igualdade de Gênero no Sertão do São Francisco

Realização: Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPGADT/UNIVASF/UFRPE/UNEB).

Elaboração: Márcia Maria Pereira Muniz e Helder Ribeiro Freitas

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Dubeux e Prof.<sup>a</sup> Laeticia Medeiros Jalil

Projeto Gráfico, Diagramação e Ilustração: Rosely Camilla P. A. da silva

M966m Muniz, Márcia Maria Pereira  
Mulheres do território Sertão do São Francisco: construindo a igualdade de gênero e a transição agroecológica / Márcia Maria Pereira Muniz. – Juazeiro – BA, 2023.  
36 f: il; 29 cm.

Livro Digital (PDF)  
ISBN: 978-85-5322-209-4

1. Feminismo. 2. Redes sociotécnicas 3. Políticas Públicas. I. Título.  
II. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 305.42

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF  
Bibliotecário: Márcio Pataro. CRB - 5/1369

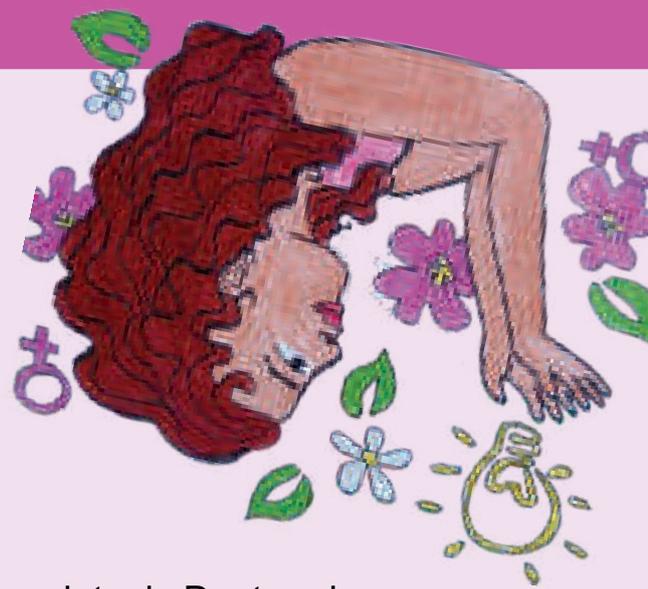
Juazeiro 2023

## SUMÁRIO

- Apresentação	3
- Vamos conhecer a história da rede de mulheres do território Sertão do São Francisco	5
- Rede Mulher, uma rede sociotécnica	9
- Mulheres em rede fortalecem a transição agroecológica no território Sertão do São Francisco	11
• Águia-Chilena, cresceu participando das atividades da Rede Mulher.	
• Flor de Jitirana, agricultora defensora da Agroecologia	13
• Flor de Juazeiro, coloca produtos saudáveis na mesa das pessoas.	14
• APPR – Associação de Pescadores e Pescadoras de Remanso: História de luta e resistência das mulheres em defesa de seus direitos.	15
• Carnaúba, sonha que as políticas públicas possam fortalecer as famílias que trabalham com o artesanato	17
• Baraúna, agricultora de uma comunidade tradicional de Fundo de Pasto: Uma história de resistência e persistência	18
• Bromélia, Rede de Mulheres, o ponto de virada na vida	20
• Margarida de Uauá: rompe com ciclo de violência com o apoio da Rede Mulher	21
• Jurema, quituteira de Casa Nova partilha seu conhecimento como estratégia de contribuir na geração de renda das mulheres	24
- Políticas públicas e a sua contribuição para melhorar as condições de vida das mulheres que vivem no TSSF	25
- Participação das mulheres nos mercados territoriais	28
-Referências	33

## APRESENTAÇÃO

Viver é partir, voltar e repartir (é isso)  
partir, voltar e repartir, é tudo pra viver é  
partir, voltar e repartir, partir, voltar e repartir..  
(Emicida)



O presente Caderno de Narrativas é um produto do Doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). O referido produto faz um resgate da história da Rede Mulher no Sertão do São Francisco, uma história marcada pelo estímulo ao processo de organização das mulheres nos 10 municípios do TSSF, pela troca de conhecimento e pela valorização das experiências que são protagonizadas pelas mulheres. O mesmo foi construído a partir da escuta das mulheres, pelas rodas de conversas, entrevistas, com as informações que foram sistematizadas a partir do método Lume e das Cadernetas agroecológicas.

O caderno de narrativa busca dar visibilidade às vozes das mulheres, que historicamente foram marginalizadas pela sociedade hegemônica. É fundamental reconhecer o valor das experiências e das lutas dessas mulheres, que se dedicam a construir uma sociedade com mais igualdade de gênero.

A proposta é que este caderno possa ser trabalhado pelas redes dos municípios é um material educativo que pode ser trabalhado e lido tanto de forma individual quanto coletiva, proporcionando a leitura e a discussão do conteúdo que podem ocorrer através de rodas de conversa e oficinas.

Essa abordagem coletiva permite que as pessoas envolvidas compartilhem ideias, debatam e aprendam juntas. É uma excelente forma de promover a interação e a troca de conhecimentos entre os participantes. Essas trocas promovem a construção coletiva de conhecimento, fortalecendo a autoconfiança e a capacidade de liderança das mulheres envolvidas, assim espero poder contribuir para fortalecer o processo de organização das mulheres, promovendo troca de experiências e saberes para que novas histórias possam ser construídas na luta e defesa de uma sociedade mais justa e igualitária.

## REDE MULHER

A rede mulher é uma canção motivadora,  
busca vivências, muita gente cativadora,  
movimento cheio de fé, com ações transformadoras.

Movimento de mulheres cheias de conhecimento,  
são mulheres fortes a todo momento.

Falar destas mulheres é falar em inspiração,  
de força e coragem, é falar em determinação,  
são resiliêntes e são transformação.

Caminhada não é fácil, desistir não é a opção,  
enfrentar dificuldades, mais tem fé no coração,  
são mulheres determinadas, são mulheres de ação.

São mulheres do nordeste, sua força vem da natureza,  
a sua simplicidade realça sua beleza,  
são diversidade, são sua própria realeza.

Agradeço a vocês pela dedicação,  
continue firmes, juntas em união,  
vocês são guerreiras, continue na missão!

Marliene Souza



## Vamos conhecer a história da Rede de Mulheres no território do Sertão do São Francisco

Rede Regional de Mulheres é uma organização que surge a partir do processo de mobilização e organização das mulheres no município de Remanso. A partir de 1992 o movimento de Mulheres de Remanso passou a contar com o apoio da Pastoral da Mulher, e em 1998 essa ação foi ampliada para os municípios da Diocese de Juazeiro (MUNIZ, 2018).

A Rede Regional possui uma coordenação formada pela representação de uma liderança dos municípios do TSSF. Essa coordenação se reúne a cada três meses, sendo esse espaço de planejamento e avaliação das atividades da Rede. Anualmente é realizada uma assembleia regional que reúne mulheres que integram as Redes de Mulheres dos municípios.



A assembleia regional é um espaço de formação, de debate e de aprofundamento de temas relacionados à questão de gênero, associado à discussão do contexto político, socioeconômico, cultural, ambiental e seus impactos na vida das mulheres. Durante a assembleia também é feita avaliação e o planejamento das ações para o próximo ano, esse também é um espaço de troca de experiências que tem seu ponto mais forte na realização de uma feira de economia solidária que reúne a parte da produção das mulheres. Em 2022 aconteceu a vigésima assembleia regional da Rede de Mulheres.



# Linha do Tempo

**1996-1997** - Nasce a Rede regional diocesana

**1999** - 2º Assembleia da Rede e agrega 1º assembleia Pescadoras

**2002** - 4º Assembleia: Formação e Cidadania

**2004** - 6º Assembleia: Código Civil e políticas públicas

**2006** - Não teve assembleia

**2008** - 9º Assembleia: Soberania Alimentar, ano marcado pela inclusão sócio produtiva das mulheres

**2010** - 11º Assembleia: Produção e Comercialização

**2012-2013** - Não teve assembleia

**2015** - 14º Assembleia: Segurança Alimentar e Nutricional

**2017** - 16º Assembleia: Previdência Social e economia solidária

**2019** - 18º Assembleia: Sem feminismo não há agroecologia; Participação na marcha das margaridas

**2021** - 19º Assembleia: Agroecologia (realizada de forma virtual)

**1998** - 1º Assembleia da Rede

**2000** - 3º Assembleia

**2003** - 5º Assembleia: Mulher na política

**2005** - 7º Assembleia: Gênero e Etnia

**2007** - 8º Assembleia: Gênero

**2009** - 10º Assembleia: comercialização

**2011** - 12º Assembleia: lutas e conquistas das Mulheres

**2014** - 13º Assembleia: Convivência com o Semiárido

**2016** - 15º Assembleia: Gênero, empoderamento da mulher e políticas públicas

**2018** - 17º Assembleia: Mulheres em Rede contra a violência

**2020** - 1º ano da pandemia não teve assembleia

**2022** - 20º Assembleia: divisão Justa do Trabalho doméstico

**2023** - III Feira Agroecológica de Economia solidária e Saúde da Mulher



A Rede Mulher do Território Sertão do São Francisco tem um papel importante no fortalecimento do empoderamento das mulheres na região, atuando em diversas frentes para promover a igualdade de gênero e o desenvolvimento sustentável. Através de ações como a realização de feiras agroecológicas, cursos de capacitação, encontros de formação e troca de

experiências, a Rede tem contribuído para a valorização do trabalho feminino e a melhoria da qualidade de vida das mulheres no campo. Além disso, a organização tem sido fundamental para o fortalecimento da economia solidária e da agricultura familiar na região.

**Vamos Conversar!**

**Você já  
conhecia a  
história da  
Rede Mulher?**

**No seu município  
como vocês se  
organizam?**

**Como fortalecer a  
rede regional de  
mulheres?**

**Qual a  
contribuição da  
rede mulher na  
vida das  
mulheres?**



## REDE MULHER, UMA REDE SOCIOTÉCNICA

A história da Rede é marcada pela sua atuação no Sertão do São Francisco pelo o estímulo ao processo de organização das mulheres nos 10 municípios do TSSF. A troca de conhecimento e a disseminação de experiências são protagonizadas por um grupo heterogêneo de mulheres, estimulando os processos de inovações sociais que caminham na direção da perspectiva da Convivência com o Semiárido, como estratégia de enfrentamento às diversas formas de violência e opressão enfrentadas por esses sujeitos. Assim as redes dos municípios se inspiram e se fortalecem mutuamente por um processo de troca e de reciprocidade.

. A ação da Rede de Mulher no TSSF se caracteriza como um espaço sociotécnico, assim é possível identificar os diversos atores com as quais a Rede Mulher se relaciona. No plano dos municípios e do território, mantém uma série de relações e ações que contribuem na produção de fluxos de informações, saberes e práticas que fortalecem a perspectiva da Convivência com Semiárido e da Agroecologia.

Rede Mulher Regional está cumprindo esse papel, mobilizando mulheres agricultoras, pescadoras artesanais e artesãs, contribuindo na sua organização sociopolítica e no fortalecimento e empoderamento das mulheres.





O espaço sociotécnico local é moldado pelas relações interpessoais e pelas trocas mútuas. Essas trocas podem ser de natureza econômica, envolvendo a produção e redistribuição de produtos, ou de natureza intelectual, envolvendo a disseminação e compartilhamento de conhecimentos. Essas interações e trocas desempenham um papel fundamental na configuração e na dinâmica desse espaço.

O espaço sociotécnico é constituído por diversas dimensões da vida social, que se estabelecem e interagem com a Rede. O estabelecimento de relações que se dá a partir dos atores individuais ou institucionais, como as organizações da sociedade civil, CPT, CPP, sindicatos ONGs que atuam nos municípios e território, além das relações com o poder público como Bahia ATER, agências de financiamento (bancos).

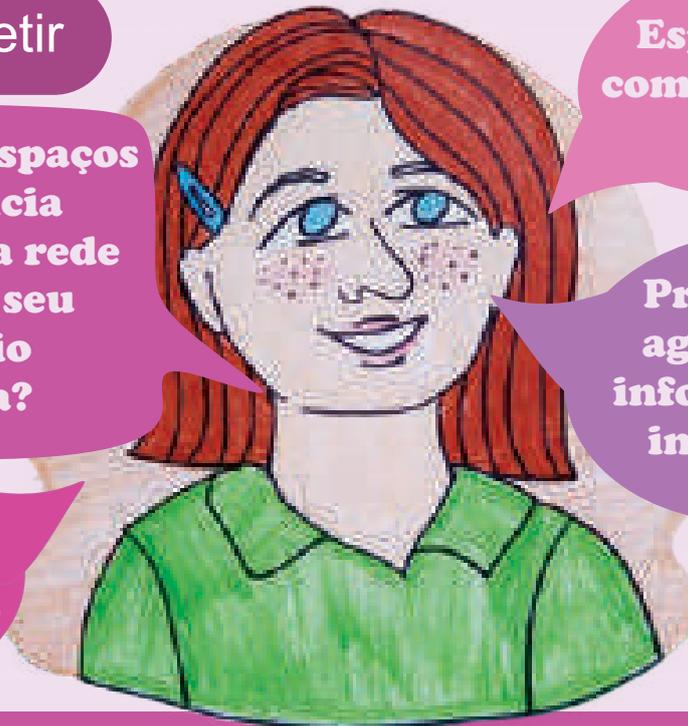
## Vamos Refletir

**Quais são os espaços de incidência política que a rede mulher do seu município participa?**

**Quem apoia o trabalho da Rede Mulher?**

**Espaços de comunicação?**

**Principais agentes de informação e inovação?**



**Mulheres em Rede fortalece a transição agroecológica no território Sertão do São Francisco**

### Água-Chilena, cresceu participando das atividades da Rede Mulher

Água-Chilena, agricultora do município de Santo Sé, tem 37 anos, é casada, tem graduação em pedagogia, é uma mulher negra e atualmente reside na sede do município. A agricultora trabalha com apicultura e com o beneficiamento de produtos derivados da mandioca e com o esposo trabalha na produção de hortaliças, principalmente na produção de pimentão,

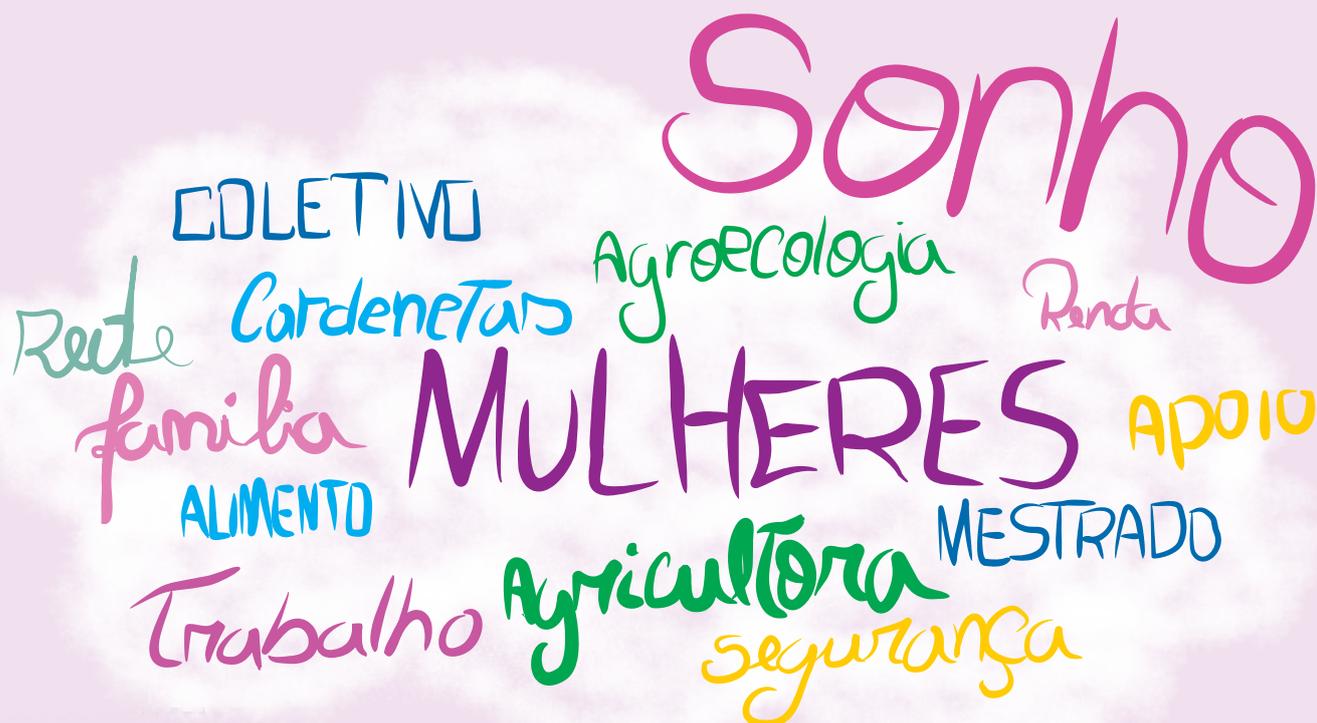
coentro, couve e alface. “Participar da rede mulher foi muito importante para minha vida, foi aí que comecei a entender qual é o papel da rede na organização das mulheres nos municípios no território, quando você entra na rede, você se apaixona pelo o trabalho que a rede realiza”.



Águia-Chilena identifica os avanços a partir da sua participação na rede mulher. Ela foi a primeira mulher a assumir a presidência da associação, participa no núcleo diretivo no Colegiado de Desenvolvimento Territorial do Sertão do São Francisco – CODETER, representando a rede Mulher. Ela também assumiu a coordenação da Rede territorial da Rede Mulher.

Ela se declara apaixonada pela agroecologia, a mesma afirma que só consome frutas das feiras agroecológicas, ou frutas da estação que são produzidas nos quintais. Ela produz mandioca, limão, tamarindo, abacaxi, goiaba, tem as plantas nativas, o umbu, além disso, tem galinha, a sua galinha e é certificada como orgânica

Na sua prática cotidiana a agricultora tem a preocupação com a segurança alimentar e nutricional dela e de sua família, ela sempre observa o que vai comer, produz para garantir uma alimentação saudável.



"Só tomei consciência quando passei anotar na minha caderneta, os produtos que colocava em casa ficava invisível, ninguém via, com a anotação da caderneta quase cai de costa nos dois primeiros meses que eu vi o quanto de produtos eu colocava para o consumo da família, não saía o dinheiro do bolso do companheiro, mas sim da minha produção, que era invisível para ele, ele dizia que eu não produzia nada"



### **Flor de Jitirama, agricultora defensora da agroecol6gia**

Flor de Jitirana, é agricultora, é casada (34 anos), é uma mulher negra, tem um filho e reside na Tapera, uma comunidade tradicional de fundo de pasto do município de Sento Sé. Ela tem o ensino médio completo, fez o curso técnico em agropecuária. No desenvolvimento de suas atividades produtivas a agricultura destaca a produção de hortaliças: alface, couve, coentro, cebolinha, tomate cereja, salsa. Está iniciando um plantio de banana, que já está na fase de produção, além disso cria caprinos e galinha.

A agricultora explica que chegou na Rede Mulher por meio do trabalho de base que tem na sua comunidade. Ela se afirma como uma agricultora agroecol6gica, nasceu na zona rural, cresceu vendo seus pais plantando para consumo da família, não usa veneno, até hoje.

"Participar da rede foi muito importante, avalio que o principal avanço foi ocupar os espaços, passei a ter coragem para me expressar antes ela era muito tímida."

## Flor de Juazeiro coloca produtos saudáveis na mesa das pessoas

Flor de Juazeiro, é casada, tem 44 anos, tem dois filhos, é uma mulher negra, tem o ensino médio completo, mora na comunidade Itapera, no município de Sento Sé. A agricultora produz banana, acerola, batata doce, mandioca, feijão de corda, hortaliças, manga, pimenta, tem criação de ovino. Na sua comunidade não tem grupo de mulher, por intermédio de uma amiga que fazia parte da Rede Mulher ela chegou na feira agroecológica.

Flor de Juazeiro, explica que começou com a produção de acerola, com isso ela começou a levar acerola e banana. Antes ela dividia uma banca com três mulheres, mas com o decorrer da feira, ela passou a ter duas bancas, seu filho vai junto com ela para a feira, ela fica com a banca só de bolo e salgado, e seu filho na outra banca de hortaliças com outros produtos. Ela expressa com alegria que até esse momento ela não se afastou mais da feira. Ela se considera uma agricultora agroecológica, sua roça é certificada por uma certificadora participativa, Povos da Mata.



Sua produção contribui com a segurança alimentar da sua família, ela também ajuda outras famílias, “a semana que eu não venho para a feira, é um desfalque em casa”, a feira tem contribuindo na geração de renda da família, depois da certificação orgânica contribuiu muito mais, ela afirma que tem orgulho de apresentar, “olha a minha certificação”.

Faz anotações na Caderneta Agroecológica, “a importância dela que a gente vai tendo uma base. Se eu for pegar o que eu trazia do início, comparando com hoje, é possível observar que houve um aumento, a caderneta possibilita a gente avaliar o que a gente vendeu, o que a gente deu, o que tá dando certo, então é muito importante a gente fazer anotação do que a gente vende na feira, eu também faço o registro dos produtos que a gente consome”.

### **APPR- Associação de pescadores e pescadoras de Remanso-BA: história de luta e resistência das mulheres em defesa de seus direitos**

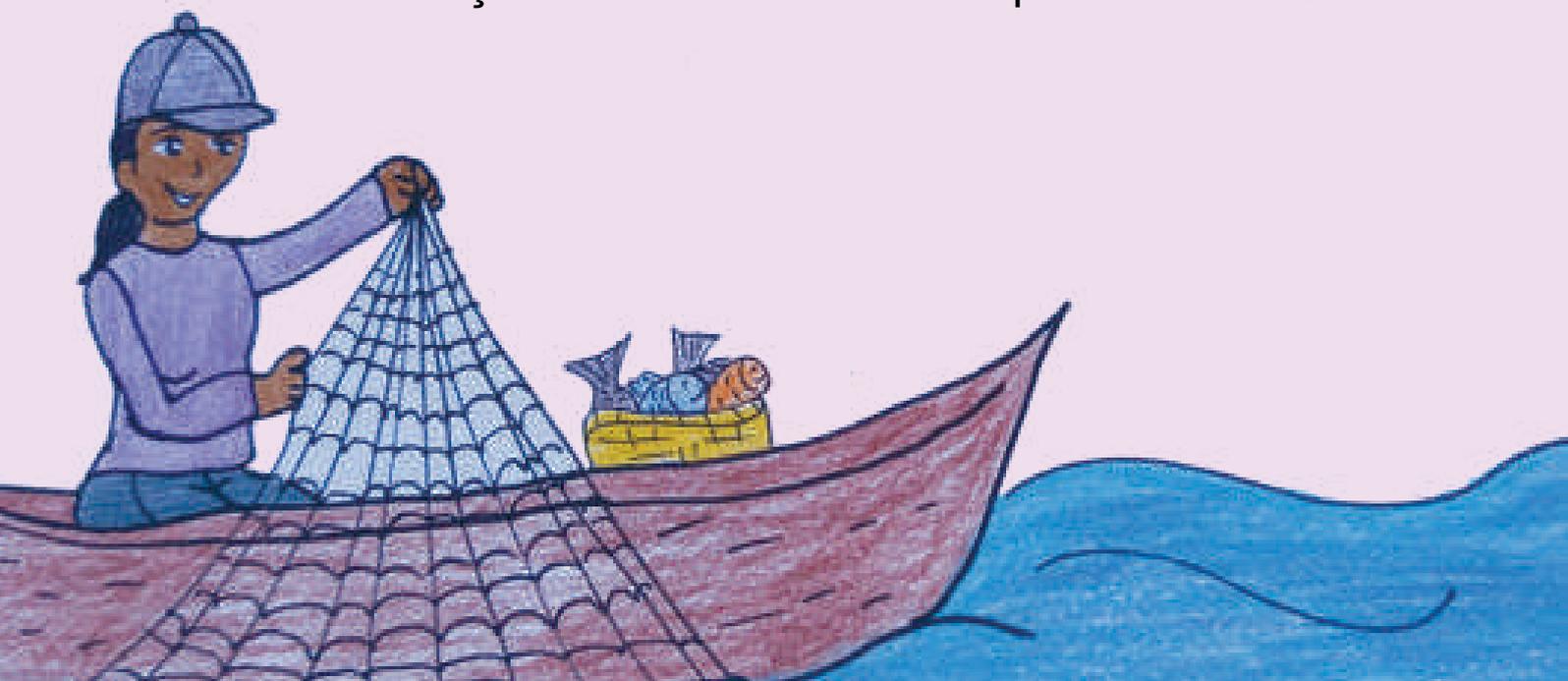
A Associação de Pescadores e Pescadoras de Remanso – APPR foi fundada no dia 10 de março de 2009, com a finalidade de dar continuidade ao Projeto de sardinha caseira (peixe cozido em molho de tomate), um grupo de mulheres pescadoras já trabalhava com esse projeto junto a Colônia de Pescadores de Remanso.



Tudo começou em 2008 quando o coordenador da CONAB anunciou que havia necessidade de criar uma associação, uma vez que as Colônias não poderiam apresentar projeto para o Programa Aquisição de Alimentos – PAA. Por conta disso um grupo de mulheres pescadoras começou a se organizar, mas logo percebeu que essa orientação não teve sustentação, mas as colônias continuaram acessando o PAA. Um grupo de 11 pescadoras deram segmento a criação da APPR, buscaram apoio junto a Comissão Pastoral da Pesca e das entidades (SASOP, IRPAA, STR, Rede Mulher) que atuam no município de Remanso. Elas também destacam o apoio do Movimento de Pescadores.

Elas se organizaram com o intuito de valorizar sua identidade como pescadoras artesanais e buscar benefícios econômicos para si mesmas, além de promover uma maior visibilidade para o trabalho que realizam.

Com relação a comercialização parte da produção das pescadoras vai para o PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar, elas também já acessaram o PAA - Programa de Aquisição de Alimentos, os produtos beneficiados do pescado passaram a compor o cardápio de alimentação escolar da rede municipal de Remanso.



Outro espaço importante para a comercialização de seus produtos têm sido as feiras locais e regionais. O grupo trabalha com o filé, torta de peixe, caldo de peixe, hambúrguer, patê de peixe, salgados que tem como base o recheio de peixe.

A Rede Mulher, desde o início, esteve ao lado da APPR e tem sido uma parceira presente no processo de organização, articulação e de incidência política. Assim a Rede sempre incentivou a participação das mulheres nas ações da própria Rede, como nas assembleias, oficinas, intercâmbios, ou seja, nas atividades que vem trazer conhecimento para as mulheres pescadoras.

### **Carnaúba, sonha que as políticas públicas possam fortalecer as famílias que trabalham com o artesanato**

Carnaúba é uma mulher artesã, reside em Juazeiro, tem 38 anos de idade e dois filhos. Ela começou a participar da Rede enquanto colaboradora do IRPAA. Além de desenvolver ações que são inerentes ao seu trabalho de comunicação institucional, ela também passou a apoiar a Rede, trabalhando as questões de gênero. A partir desse momento ela passou a se sentir integrante da Rede. Mesmo depois que saiu do IRPAA, mantém esse vínculo com a Rede.



Atualmente ela tem contribuído nos debates sobre as relações de gênero e o trabalho doméstico de cuidado. Também tem buscado contribuir com o desenvolvimento de ações voltadas para a geração de renda e a autonomia financeira das mulheres, principalmente mobilizando as mulheres artesãs. A partir desse interesse ela passou a participar da Feira Agroecológica e Orgânica de Juazeiro, com uma banca da Rede Mulher, mobilizando outras mulheres para enviar seus produtos para essa feira. Um dos seus desejos é que o artesanato seja incluído nas políticas públicas de Assessoria Técnica. O artesanato possui um grande potencial como fonte de renda para muitas famílias, portanto, é fundamental oferecer apoio e orientação técnica específica para ajudar essas comunidades a desenvolverem e comercializarem seus produtos de forma sustentável.

### **Baraúna, agricultora de uma comunidade tradicional de Fundo de Pasto: Uma história de resistência e persistência**

Baraúna é uma agricultora do município de Pilão Arcado, é uma mulher negra, casada e tem 60 anos. O núcleo social de gestão do agroecossistema é formado por ela, seu esposo e por três filhos que residem com o casal.

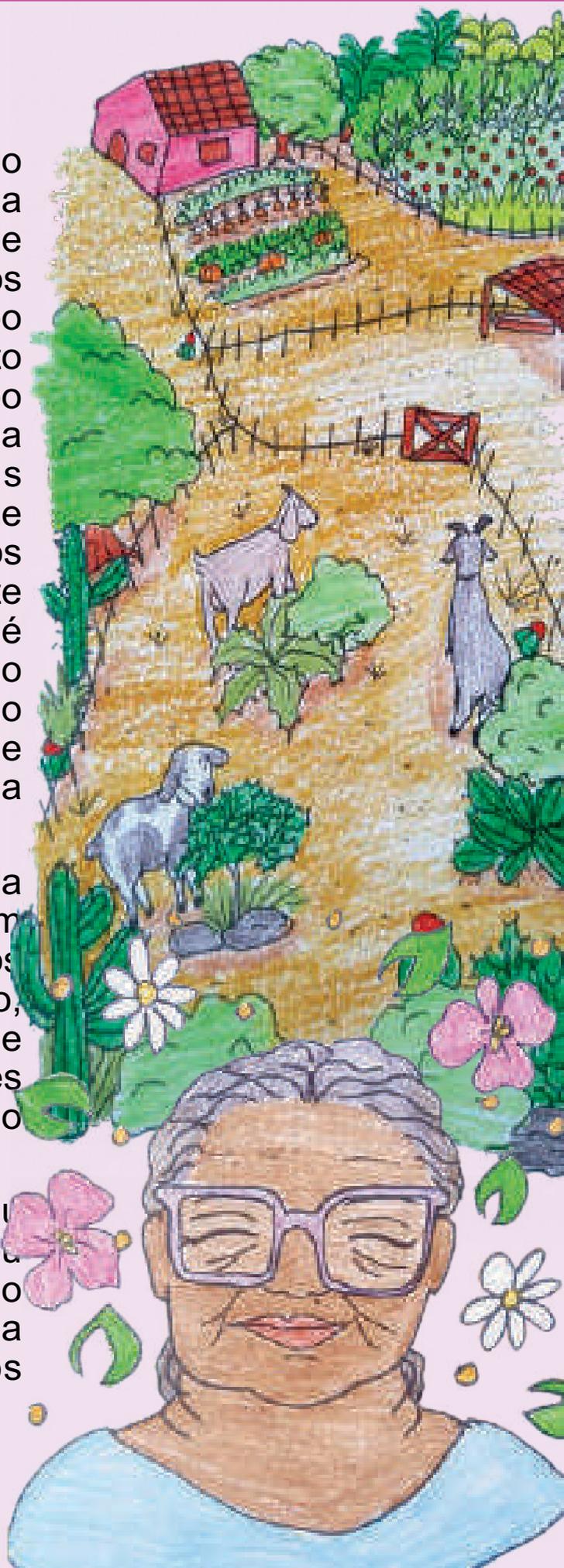
O casal e os três filhos trabalham nas atividades desenvolvidas em cinco subsistemas, sendo eles: hortaliças, roçado, quintal, criação animal e Caatinga. Este é o subsistema onde a família maneja os recursos naturais junto com outras famílias da comunidade de Carnaúba de forma coletiva.



A maior parte das terras do agroecossistema é voltada para a produção de ovinos e suínos de forma semiextensiva, em que os animais são criados parte do tempo soltos, nas áreas abertas de pasto da Caatinga, e outra parte do tempo são mantidos confinados. Há uma diversidade de alimentos produzidos nos subsistemas que compõem a mesa da família, dos parentes e vizinhos. Grande parte da produção de hortaliças é destinada para a comercialização na feira livre da cidade de Pilão Arcado aos sábados, em delivery e de programas que a família começou a acessar, como o PAA.

As políticas públicas a que ela teve acesso, como o crédito, foram fundamentais para a melhoria dos espaços produtivos como um todo, assim como a aposentadoria rural e o trabalho na Rede de Mulheres que fortaleceu seu trabalho e o empoderamento feminino.

Nessa perspectiva, o seu engajamento na Rede promoveu novos olhares da família para o reconhecimento do trabalho da mulher e a divisão sexual dos trabalhos domésticos.



## Bromélia, Rede de mulheres, o ponto de virada na vida

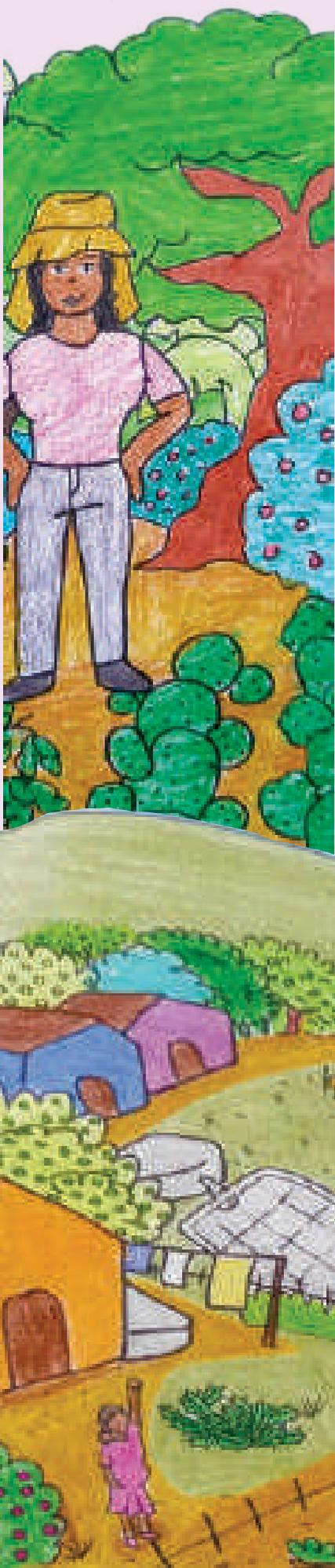
Bromélia é uma agricultora do município de Remanso, e reside em uma comunidade tradicional de Fundo de Pasto, Lagoa do Garrote. O núcleo social de gestão do agroecossistema é composto por ela e seu esposo e por dois dos três filhos que o casal teve.

O casal e os dois filhos trabalham nas atividades desenvolvidas em cinco subsistemas, sendo eles: roçado, quintal, aves, criação animal e abelhas.

A comercialização de produtos acontece no Mercado territorial, se dá pela venda feita diretamente pela família dos produtos, seja na própria comunidade, como na sede do município. Apenas o mel foi o produto comercializado no mercado convencional, por intermédio de um atravessador.

O engajamento de Bromélia nos diferentes espaços de discussão social e política levou-a a participar da Rede de Mulheres de Remanso, no ano de 1996.

O envolvimento da agricultora possibilitou a fundação da Associação comunitária da Lagoa do Garrote, onde Bromélia, em 1998, tornou-se a primeira presidente, ficando no cargo durante os seus três primeiros anos.



A partir do ano de 2000, o agroecossistema da família iniciou processos de transformações socioprodutivas, a comunidade passou a ter acesso a projeto de assessoria técnica. Em 2006, a família conquista mais uma cisterna de produção. Nessa ocasião a família também começou a acessar o Programa Bolsa Família. Em 2009 ela se aposentou, melhorando a renda da família, junto com a aposentadoria de seu esposo, a família também acessou o Garantia Safra, a Eletrificação Rural em 2017. A partir de 2015, passou a receber a assessoria técnica pela ação do Projeto Pró-Semiárido.

### **Margarida de Uauá: rompe com ciclo de violência com o apoio da Rede Mulher**

Margarida, tem 37 anos, tem 3 filhos, está no segundo ano do ensino médio, ela reside na comunidade Barnabé do município de Uauá, é uma agricultora extrativista que trabalha na produção de cocada de licuri e de coco.





Ela lembra que sua vida foi marcada por diversos tipos de violência. Ela fugiu de casa com 14 anos com seu primo (homem mais velho) e foi morar em São Paulo. Ela tinha a ilusão que iria ser feliz, mas sua vida não foi fácil. Depois de um longo período vivendo em São Paulo, ela retornou para Uauá, nesse momento ela pensou que seu sofrimento teria um fim, pois ela esperava ter o apoio do seu pai, mas isso não aconteceu. Ela vivia uma relação abusiva e não tinha coragem de compartilhar sua situação com outras pessoas.

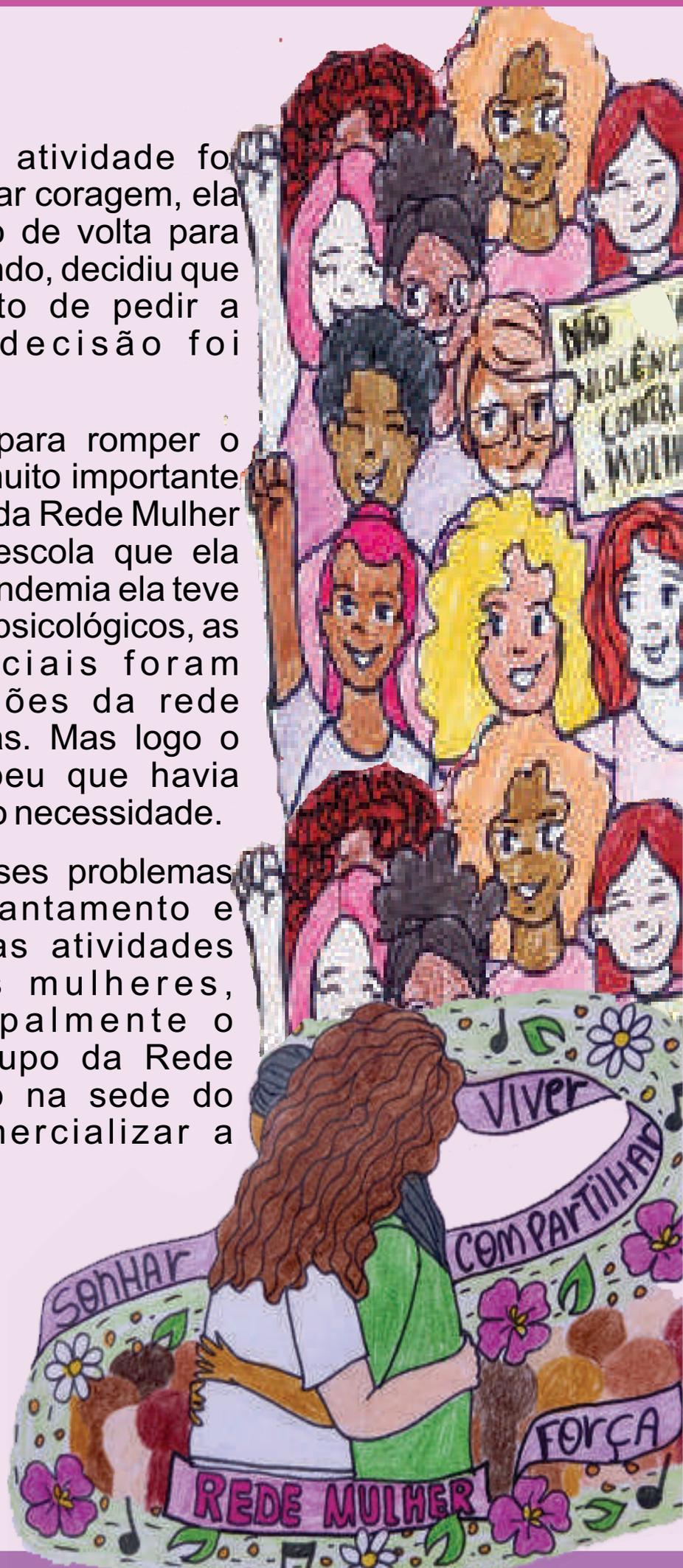


Depois de algum tempo, a Coopercuc passou a atuar na sua comunidade e um técnico dessa organização entregou o convite para ela participar de uma reunião de um grupo de mulheres recém-criado no município. Ela decidiu participar dessa atividade, para sua surpresa, ela descobriu que o grupo estava conversando sobre violência, nesse momento ela foi identificando os diversos tipos de violência que viveu no decorrer de sua vida.

Participar dessa atividade foi fundamental para ela criar coragem, ela lembra que no caminho de volta para sua casa, ela veio chorando, decidiu que aquele era o momento de pedir a separação, essa decisão foi concretizada.

Ela destaca que para romper o círculo de violência foi muito importante o apoio que ela recebeu da Rede Mulher e dos professores da escola que ela frequenta. Mas com a pandemia ela teve problemas financeiros e psicológicos, as atividades presenciais foram suspensas, as reuniões da rede passaram a ser remotas. Mas logo o grupo da rede percebeu que havia muitas famílias passando necessidade.

Para enfrentar esses problemas elas fizeram um levantamento e passaram a apoiar as atividades produtivas dessas mulheres, destacando principalmente o artesanato onde o grupo da Rede conseguiu um espaço na sede do município para comercializar a produção das mulheres.



## Jurema, quituteira de Casa Nova partilha seu conhecimento como estratégia de contribuir na geração de renda das mulheres

Jurema é uma mulher negra, solteira, reside no município de Casa Nova, tem 56 anos e 05 filhos adotivos. Ela se identifica como quituteira, trabalha na produção de biscoitos: faz peta, biscoitos de diversos sabores, broa, peta frita, salgado, bolo, pão de queijo, trabalha com os derivados da mandioca e ela tem uma longa experiência com beneficiamento de derivados da mandioca. A mesma resgatou a memória de seus antepassados fazendo uso de receitas no preparo de alimentos a partir do beneficiamento da mandioca.

Jurema chegou na rede por meio da CPT em 2001. Ela lembra que participou de muitas formações, tornou-se multiplicadora, disseminando o seu conhecimento para outros grupos de mulheres. Como resultado positivo dessas formações, até hoje tem grupos trabalhando com a produção de biscoitos doces e salgados, petas, tudo produzido a partir da mandioca.



Os seus produtos são confeccionados na cozinha de sua casa. Ela está à frente do grupo de beneficiamento que tem a marca “Tumásia”. Jurema acredita na força da ancestralidade, Tumásia era sua tia que ela nem chegou a conhecer, mas acredita que herdou esse dom de sua tia. O grupo comercializa seus produtos nas feiras convencionais no município, abastecem os supermercados e mercearias, os produtos também são encontrados na Central da Caatinga.

### Políticas Públicas e a sua Contribuição para Melhora das Condições de Vida das Mulheres que Vivem no TSSF

Mudanças significativas aconteceram nas últimas décadas na região Semiárida, especialmente em relação a implementação de políticas públicas. A partir do processo de articulação da sociedade civil, um conjunto de programas e políticas passaram a ser construídas na perspectiva da Convivência com o Semiárido e elas impactaram de forma positiva a vida das mulheres. O acesso à água para consumo humano e para apoiar o desenvolvimento das atividades produtivas das mulheres, tem permitido às mulheres maior autonomia na gestão dos recursos hídricos, possibilitando a produção e a diversificação de alimentos e a criação de animais, bem como a redução da carga de trabalho relacionada à busca de água, o que colabora para a superação das desigualdades de gênero e o fortalecimento das experiências de Convivência com o Semiárido.



## Acesso às Políticas Públicas pelas Agricultoras do TSSF

### POLÍTICA AGRÍCOLA

- Garantia safra;
- PRONAF
- AGROAMIGO
- Cadastro Ambiental Rural
- CEFIR;
- Programa Fomento Rural

### POLÍTICA DE ATER

- Agroecologia;
- PCT Povos e Comunidades Tradicionais;
- Brasil Sem Miséria;
- Pró Semiárido;
- Bahia Produtiva;
- Mulher
- Bioma

### POLÍTICA PREVIDENCIÁRIA

- Salário Maternidade;
- Seguro Defeso;

- Auxílio Doença;
- Aposentadoria
- Pensão

### POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

- BPC -Benefício de Prestação Continuada
- Bolsa família;
- Auxílio emergencial

### POLÍTICA DE SAN

- PAA;
- PNAE;
- P1MC
- P1+2
- Programa Sementes

É perceptível a importância das políticas sociais, com destaque aos programas de transferência de renda, executados pelo o Estado Brasileiro com a finalidade de ampliar e efetivar a proteção social, visando o enfrentamento da pobreza, a promoção de igualdade de oportunidade e a garantia de direitos sociais das famílias mais necessitadas.

É importante destacar a desestruturação das políticas públicas voltadas para a agricultura familiar, fruto da austeridade fiscal dos governos que ascenderam após o golpe parlamentar de 2016. Esse foi o período marcado pela redução e extinção de programas governamentais voltados para o fortalecimento da agricultura familiar, principalmente para as famílias que vivem na região semiárida, acarretando a elevação da vulnerabilidade social, o aumento da pobreza e a volta da fome.



O impacto da desestruturação das políticas públicas voltadas para a agricultura familiar não foi pior no TSSF, porque o governo do Estado conseguiu desenvolver programas de inclusão produtiva e de segurança alimentar e nutricional, garantindo a execução de projetos de ATER para os agricultores familiares e para os empreendimentos de economia solidária, a exemplo do Bahia Produtiva e do Projeto Pró Semiárido. O apoio contínuo das políticas públicas tem sido fundamental para fortalecer a agricultura familiar e o desenvolvimento rural sustentável.



## Vamos Conversar!

**Quais são as políticas públicas acessadas pelas mulheres?**

**Quais as dificuldades que as mulheres encontram para acessar os programas e políticas públicas?**

**As políticas públicas têm contribuindo para fortalecer as experiências de convivência com o semiárido?**

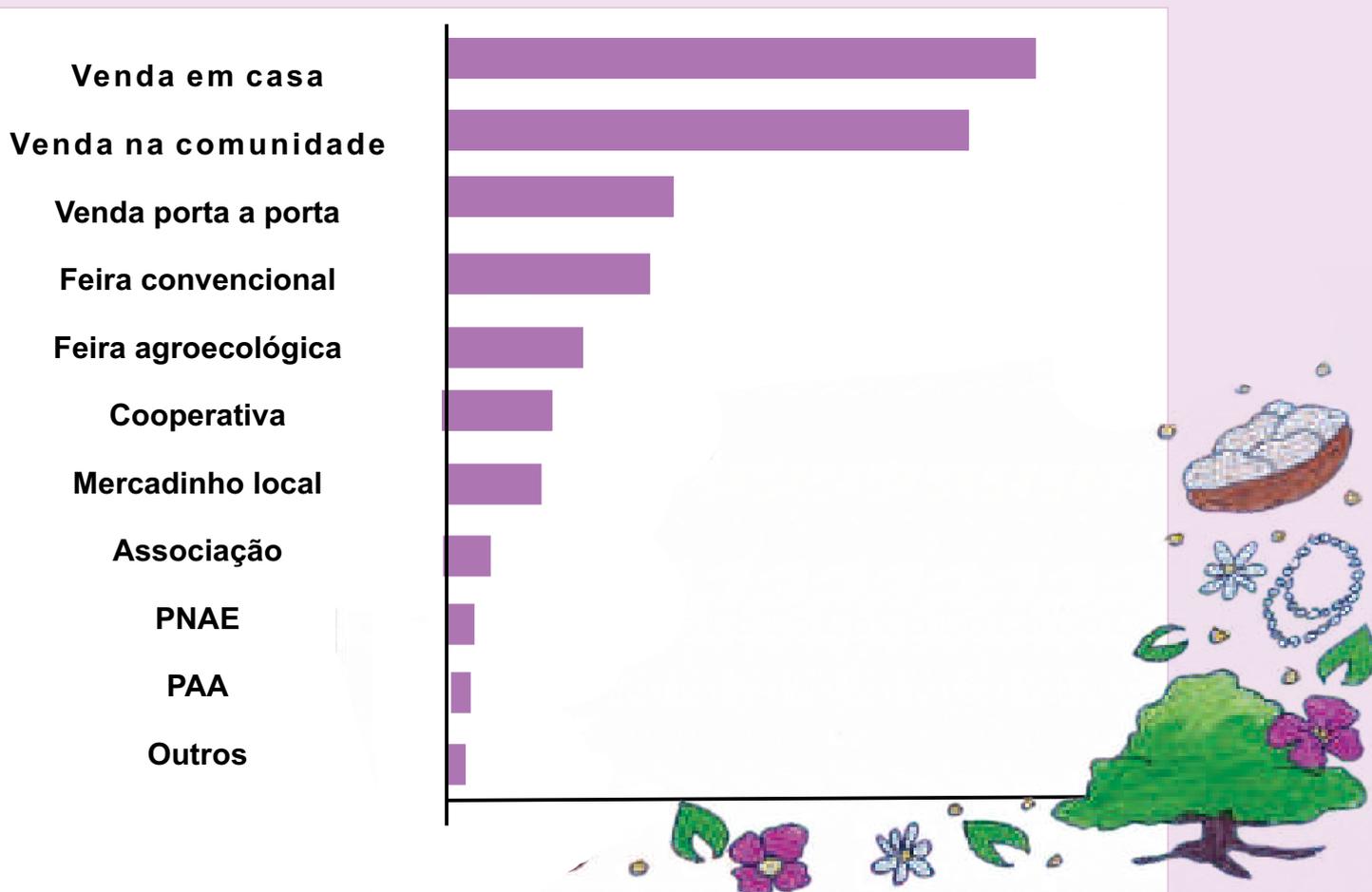
## Participação das Mulheres nos Mercados Agroecológicos

As Mulheres do Sertão do São Francisco, além de estarem envolvidas na produção, como plantio, colheita, beneficiamento de alimentos, também estão à frente no processo de comercialização, ação que desempenha um papel significativo na promoção da autonomia das mulheres. Através da comercialização de seus produtos, as mulheres têm a oportunidade de contribuir para a renda familiar e ganham independência econômica.

Através da comercialização dos produtos, as mulheres estabelecem conexões com outros agricultores/as, consumidores e instituições locais. Isso lhes proporciona uma oportunidade de participar ativamente da vida social e política de suas comunidades, contribuindo para a defesa de seus direitos, interesses e demandas. Há uma diversidade de espaços que as mulheres comercializam a sua produção.



## Gráfico: Comercialização da produção das agricultoras envolvidas nas cadernetas agroecológicas

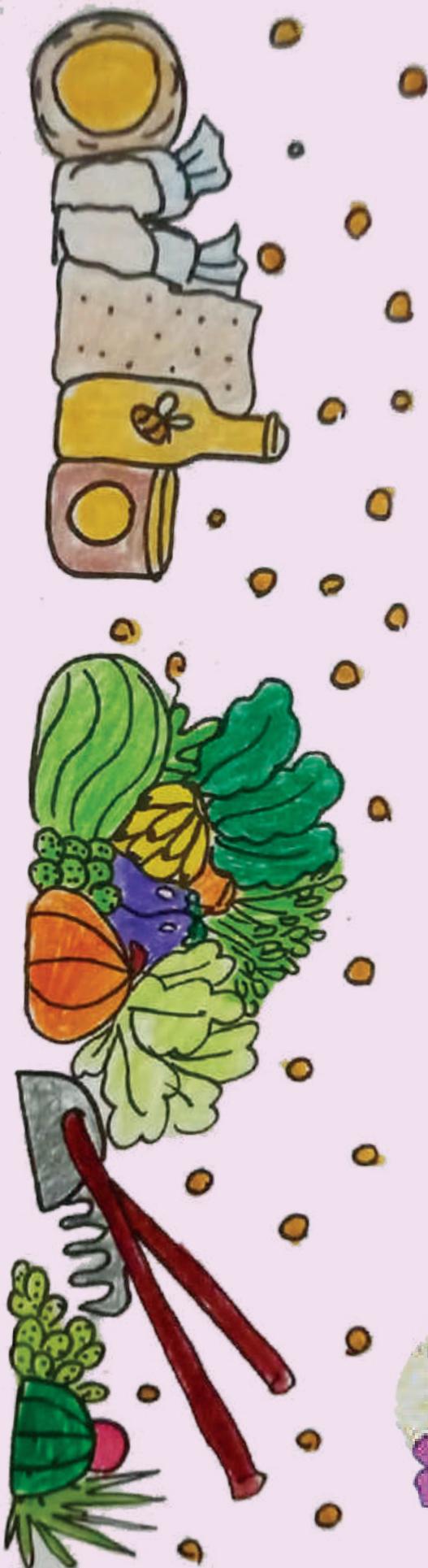


No processo de comercialização, Águia-Chilena destaca o trabalho da Associação dos Apicultores de Sento Sé – APSSE, localizada na comunidade Andorinha em Sento Sé – BA. O nome "Balaio da Caatinga" foi escolhido pelo grupo AAPSSE como a marca para seus produtos devido à sua conexão com as tradições e a diversidade dos recursos encontrados na região da Caatinga.

O nome "Balaio da Caatinga" reflete, assim, a identidade e a proposta do grupo AAPSSE, que valoriza a diversidade dos produtos da região e busca promover sua comercialização, preservando ao mesmo tempo as tradições e os conhecimentos locais.

A AAPSE, trabalha com a extração de mel, produz sequilhos e petas a base de mandioca, e comercializa frutas e hortaliças in natura na feira agroecológica do município, nas feiras de economia solidária que acontecem na região, e na Central da Caatinga.

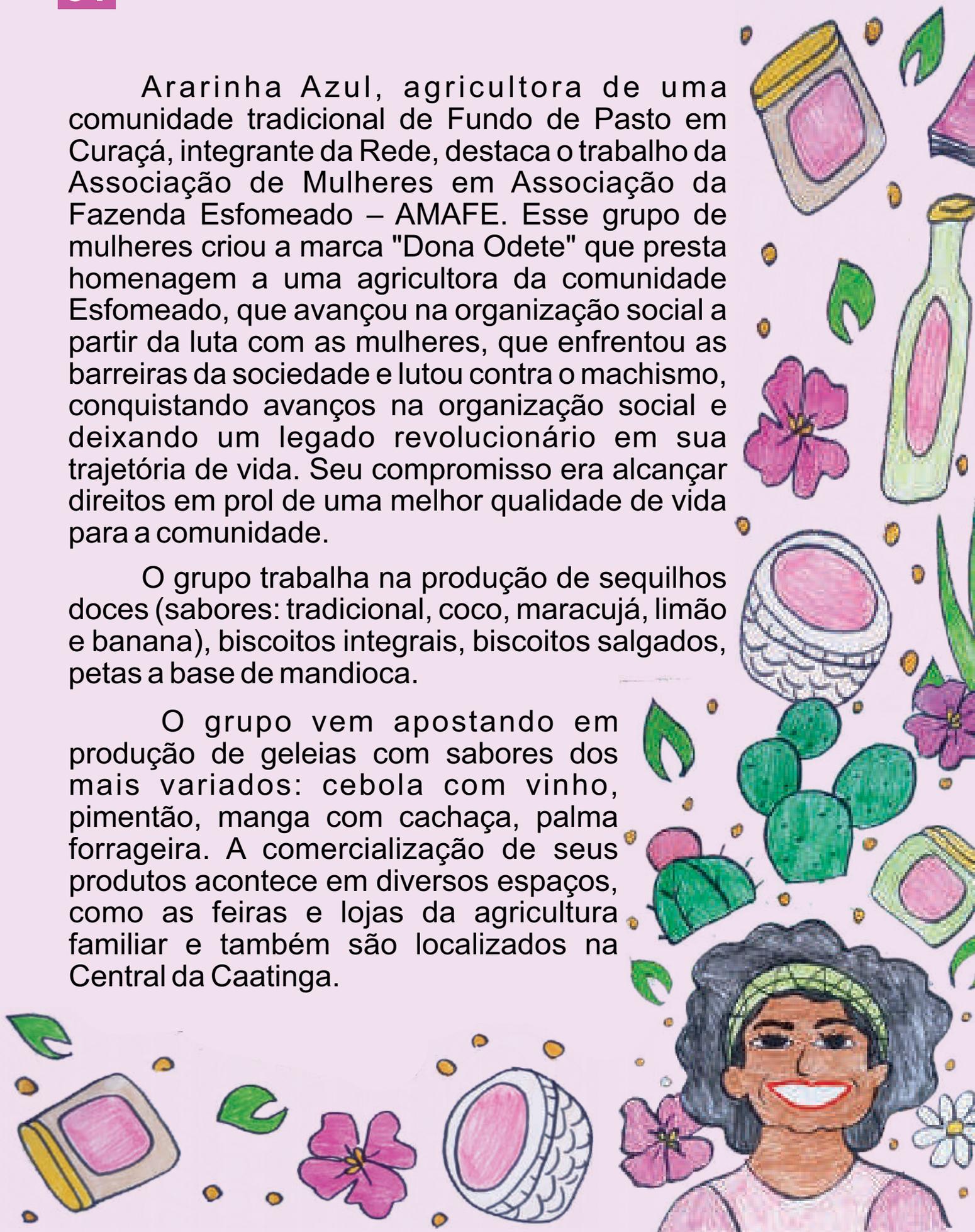
A comercialização não é uma coisa tão fácil, ainda estamos engatinhando, estamos aprendendo, às vezes o mercado quer tirar a característica do meu produto e não é isso que a gente quer, quero meu produto na prateleira, mas eu quero com a característica do meu grupo que é feito por mulheres isso a gente tem pensar muito quando está comercializando.



Ararinha Azul, agricultora de uma comunidade tradicional de Fundo de Pasto em Curaçá, integrante da Rede, destaca o trabalho da Associação de Mulheres em Associação da Fazenda Esfomeado – AMAFE. Esse grupo de mulheres criou a marca "Dona Odete" que presta homenagem a uma agricultora da comunidade Esfomeado, que avançou na organização social a partir da luta com as mulheres, que enfrentou as barreiras da sociedade e lutou contra o machismo, conquistando avanços na organização social e deixando um legado revolucionário em sua trajetória de vida. Seu compromisso era alcançar direitos em prol de uma melhor qualidade de vida para a comunidade.

O grupo trabalha na produção de sequilhos doces (sabores: tradicional, coco, maracujá, limão e banana), biscoitos integrais, biscoitos salgados, petas a base de mandioca.

O grupo vem apostando em produção de geleias com sabores dos mais variados: cebola com vinho, pimentão, manga com cachaça, palma forrageira. A comercialização de seus produtos acontece em diversos espaços, como as feiras e lojas da agricultura familiar e também são localizados na Central da Caatinga.



Vamos conversar sobre  
comercialização!

Quais são as  
dificuldades  
encontradas?

Existe alguma  
experiência  
coletiva?

De que forma o  
grupo de mulheres  
comercializa sua  
produção?



*Dizem que uma mulher que lê é uma mulher perigosa. O que dizer, então de mulheres que escrevem? E que escrevem não apenas textos e livros, mas, a própria história? Não importa se essa história é escrita de forma tradicional, com palavras, frases, referências bibliográficas, ou se é escrita no dia a dia dos movimentos, por meio da organização, da criação conjunta, da reflexão e da ação para mudar situações vividas como injustas. Essas mulheres são realmente muito mais perigosas. (Siliprandi, 2021, p.6)*



## REFERÊNCIAS

MUNIZ, Márcia Maria Pereira. Igualdade de Gênero e Políticas Públicas para Mulheres: A experiência da Rede de Mulheres de Remanso. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro-Bahia, 2018.

SILIPRANDI, E. Quem tem medo das mulheres rurais. In: Caderneta agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas / organização Thalita Rody, Liliam Telles. Viçosa, MG: Editora Asa Pequena, 2021





